

LINGUÍSTICA E O NOVO TESTAMENTO GREGO

LINGUISTIC AND THE NEW TESTAMENT GREEK

*Valney Veras da Silva**

RESUMO: Com o advento da linguística moderna, os estudos no Novo Testamento Grego se aprofundaram, passando de uma análise lexical ou morfossintática, típico de uma exegese objetivista, para outros campos dos estudos linguísticos, e da linguagem; tais como em uma análise que contempla os aspectos semânticos, pragmáticos, e até a Análise de Discurso de orientação francesa, e a Análise de Discurso Crítica. Como se observa, a proposta deste trabalho, com caráter de revisão da literatura, é apresentar para o exegeta a relevância da linguística para a exegese do Novo Testamento Grego, as várias possibilidades de vertentes para a investigação do texto/discurso neotestamentário, a fim de sofisticar a análise do texto bíblico com vistas a uma interpretação coerente.

PALAVRAS-CHAVE: *Linguística; Novo Testamento Grego; Exegese.*

ABSTRACT: With the advent of modern linguistics, studies in the Greek New Testament have deepened, moving from a lexical or morphosyntactic analysis, typical of an objectivist exegesis, to other fields of linguistic studies and language; such as in an analysis that contemplates the semantic, pragmatic, and even french Discourse Analysis, and the Critical Discourse Analysis. As can be seen, the purpose of this work, as a review of the literature, is to present to the exegete the relevance of linguistics for the exegesis of the Greek New Testament, the various possibilities for the investigation of the New Testament text/discourse, in order to sophisticated analysis of the biblical text for a coherent interpretation.

KEYWORDS: *Linguistic; New Testament Greek; Exegesis.*

Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar como a linguística é útil para a exegese do Novo Testamento Grego. O estudo moderno da linguagem é bem diferente do da época de Platão e Aristóteles, de modo que oferece mais subsídios para uma investigação profunda da língua em uso, mesmo que de uma língua considerada morta como o Grego Koiné. Para desenvolver esta proposta, torna-se necessário um breve resumo das abordagens dos estudos da linguagem, desde a cultura grega até a modernidade. Após esta primeira parte, um segundo momento é a descrição das principais áreas da linguística moderna, a partir do século XX, onde o Novo Testamento Grego é objeto de intensa pesquisa pelos norte-americanos. De modo a focalizar-se nas duas principais áreas de pesquisa da linguística que hospedaram importantes estudos no Novo Testamento Grego: o Funcionalismo e a Análise do Discurso. Outras áreas da linguística, também, têm estudado o Novo Testamento Grego, como, por exemplo, a linguística textual, a pragmática e a semântica; porém, devido à natureza deste texto, somente será apresentada uma bibliografia sobre estas pesquisas.

* Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará; valney@manancial.org.br

1 O início do estudo da gramática grega.

O início dos estudos da linguagem nos tempos antigos começou com uma gramática do Sânscrito, escrita pelo indiano Panini (V a.C.); tendo o grego antigo como ponto de partida para o estudo da gramática de uma perspectiva diacrônica, no ocidente. Os filósofos foram os que mais se aprofundaram no estudo da gramática e da natureza da linguagem (Black, 2001).

O estudo da linguagem, no antigo mundo grego, está no campo da filosofia da linguagem, e não da linguística¹. Platão (429-347), em *Crátilo*, desenvolve a questão do sentido das palavras: “Como as palavras em particular, e a linguagem em geral, adquire sentido?”. Desenvolveu-se, então, a controvérsia *physis-nomos* que observava se o sentido de uma palavra estava em sua “natureza” (*physis*) ou no seu “uso” (*nomos*). Já na modernidade, este tópico foi observado, de modo mais profundo, na “arbitrariedade dos signos”, uma das conclusões do estruturalismo de Saussure (2006[1916]), em que o naturalismo é rejeitado.

Outra contribuição de Platão para a linguagem foi a distinção entre as constituintes amplas da linguagem: substantivos e verbos. Em *Teeteto*, o filósofo divide a linguagem em *onomata* e *rhemata*, que, no plural, significam respectivamente “nome”, “sujeito” e “verbo”, “frase/predicado”. O *onoma* e *rhema* são os constituintes do *logos*, que significa “argumento”, “clausula”, “sentença” ou “proposição”. Esta nomenclatura, porém, foi usada tanto para observar a linguagem, a gramática e a lógica, de modo que se deve tomar cuidado com este vocabulário (Black, 2001).

Aristóteles contribuiu com os estudos da linguagem no sentido em que esta foi útil para o pensar filosófico de sua época. Dentre suas obras as mais relevantes para o estudo da gramática grega são a *Retórica* e a *Poética*. Na *Poética*, Aristóteles trabalha as categorias de gênero, número, caso e sentença. Ele, também, assevera que a palavra é a menor unidade da língua, o que a morfologia moderna considera errado. Porém, sua obra mais importante para a linguística é *Retórica*, ainda hoje estudada na área da linguística argumentativa.

Apesar destas observações sobre Platão e Aristóteles, os Estóicos são considerados os primeiros gramáticos a produzir estudos puramente linguísticos sobre o Grego antigo. No entanto, pouco de sua produção foi preservada até hoje. Eles trabalharam sobre os conceitos de Aristóteles, e expandiram as três classes gramaticais de Aristóteles para quatro: substantivo, verbo, conjunção e artigo.

Mas, somente no período alexandrino foi que a gramática ganhou status de disciplina independente. Na biblioteca de Alexandria, capital do Egito, um dos livros que influenciou os estudos da gramática grega foi a *Gramática* de Dionísio Thrax. Uma das questões deste período, que também remontava a controvérsia *physis-nomos*, era como a linguagem é relatada pela lógica. Alguns defendiam que a linguagem era *análoga* à lógica, e, por isso, consistente com padrões que não seriam ilógicos. Outros criam que a linguagem era *anômala*, ou seja, irregular em sua forma. O debate é sobre a regularidade e a irregularidade da forma na língua, como, por exemplo, com verbos regulares e irregulares (que não seguem o padrão), como, também ocorre com o gênero dos substantivos em português (homem - mulher) que não se diferenciam somente pela

¹ David Alan Black ao tratar da linguística antiga do mundo grego adentra no campo da Filosofia da Linguagem, matéria não observada no contexto da linguística, exceto na pragmática (Levinson, 2007), quando de sua formação como campo da linguística bebe da lógica grega e da filosofia da linguagem (Austin, 1990).

troca do artigo. Isto levou à elaboração de listas de irregularidades no Grego, que existem até hoje. Com o período de dominação romana, surgiram os *Glossários*, onde havia listas paralelas de termo irregulares entre o Grego e o Latim, principalmente no período do latim vulgar (Bassetto, 2005).

O funcionalismo, hoje, é a orientação linguística que busca resolver esta questão, observando a língua em uso, ou seja, entendendo a forma a partir de sua função na língua. As várias gramáticas funcionalistas rejeitam a compreensão de apenas uma gramática, a *normativa*, porque esta perspectiva de observar a língua ressalta mais a forma do que a função dos vocábulos.

Dionísio Thrax foi o mais conhecido gramático alexandrino. Sua *Gramática*, produzida em aproximadamente 100 a.C., tornou-se o livro texto de gramática Grega para os próximos dezoito séculos. Foi por meio de sua gramática que a gramática Grega de Platão e Aristóteles foi transmitida às próximas gerações. No seu tratado de gramática, Dionísio basicamente observa o aspecto fonologia e morfologia da linguagem Grega (Black, 2001).

O estudo da Poética e da retórica Grega fez com que os gramáticos deste período observassem somente a forma “pura” e “correta” da linguagem, esquecendo o discurso do dia-a-dia das pessoas. Este saldo negativo ao estudo da linguagem Grega afetou a compreensão do estudo do Grego Koiné, a variação utilizada no Novo Testamento, visto ser este considerado uma variação não culta, e, por isso pouco observada².

Os gramáticos romanos também contribuíram para o estudo do Grego, especialmente Varro e Quintiliano. Este último, famoso orador e estudioso da retórica, considerava a gramática útil para a preparação do orador.

Com a queda de Roma, o estudo da gramática se consolidou, na Idade Média, sob a tríade *gramática, retórica e dialética*. Com o estabelecimento da Igreja Católica, o Latim tornou-se uma língua importante, e o estudo da gramática foi renovado. O manual de gramática relevante neste período foi o *Doctrinale Puerorum*, que se tornou o livro texto de gramática da Idade Média. Importante neste período foram os *Modistae*, que receberam este nome por escrever comentários intitulados *De Modis Significandi*, em que defendiam que a linguagem era governada por regras. Entendiam, também, a linguagem como uma forma pela qual a humanidade obtinha o conhecimento, e, por isso, deveria ser universal. Neste sentido, interessavam-se por uma teoria universal da linguagem, que posteriormente foi continuada pelos filósofos racionalistas do século XVI, XVII e XVIII. Este pensamento dominou a Idade Média.

Na Renascença, o estudo da gramática tornou-se mais tolerante, principalmente, por causa do estudo de outras línguas que não o Latim. O Hebraico e o Árabe foram escrutinizados neste período, e gramáticas de outras línguas foram produzidas. O francês Etienne Guichard compilou um dicionário etimológico de Hebraico, Caldeu, Siro, Grego, Latim, Francês, Italiano, Espanhol, Alemão, Flamengo e Inglês.

No século XIX, floresceu a filologia indo-européia, surgiu a linguística histórico-comparativa e os neogramáticos. Com a filologia histórico-comparativa, foram produzidas gramáticas comparativas de diversas línguas com o objetivo de apontar uma língua comum. Uma destas gramáticas foi a de Bopp, *Comparative Grammar of*

² O estudo do Grego Clássico se deu a partir do uso de gramáticas e glossários, já o Koiné, o “grego comum”, foi observado a partir de fontes secundárias, a princípio, porque não caracterizava a língua da nobreza ou dos filósofos, mas do povo simples. Neste sentido, o estudo do Novo Testamento Grego deve levar em conta esta característica quando de sua análise.

Sanskrit, Zend, Greek, Latin, Lithuanian, Gothic and German (1833), que culminou em um estudo histórico das línguas.

Como expressões de gramáticas históricas, podem ser citadas *A gramática comparativa das linguagens Romance*, de Friedrich Diez (1836), a *Gramática das línguas Eslavas*, de Franz von Miklosich (1852), e o estudo do Celta, por Johann Kaspar Zeuss (1853). Porém, o mais expressivo arquivo de linguística comparativa é *Outline of the Comparative Grammar of the Indo-European Languages* de Karl Brugmann e Berthold Delbruck (1866).

Os neogramáticos trouxeram uma revolução ao estudo da linguística que surgiria no século XX, quando se contrapuseram a concepção de que a língua é controlada por regras. Este grupo, cujo principal proponente foi Karl Brugmann, a partir do estudo comparativo das línguas, propôs que a linguagem possui independência das regras humanas pré-estabelecidas, sendo, por sua vez, controladas por forças externas, possuindo, assim, uma sorte de existência independente.

Observe algumas das contribuições dos filólogos do século XIX para a composição da linguística moderna. 1. A descoberta do indo-europeu como a língua de onde se originaram as outras; descoberta esta fruto dos estudos comparativos entre línguas, que constataram ser o sânscrito a língua mais próxima deste indo-europeu linguisticamente construído. 2. Os estudos comparativos que proporcionaram a elucidação de sistemas linguísticos. 3. A classificação das línguas. 4. O avanço na gramática do Novo Testamento Grego, que segundo a tese de George Winer (1822), o Grego não era uma linguagem do Espírito Santo, mas uma língua humana, situada historicamente, construída e falada em uma sociedade.

J. H. Moulton iniciou estudos formais no Novo Testamento Grego em sua *Introduction to the Study of New Testament Greek* e na Gramática do Grego (1906) que produziu. Outra gramática grega importante para o estudo da linguística foi a de A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (1914).

2 As bases da linguística do século XX.

A linguística do século XIX era marcada pelo aspecto diacrônico e histórico-comparativo, enquanto que no século XX a ênfase foi na sincronia e na descrição linguística. O desenvolvimento Europeu na linguística foi fundamental para o mundo, na pessoa de Ferdinand de Saussure, com a corrente estruturalista. O estudo americano sobre a linguística foi uma forma de ramificação da antropologia, visto que, dedicaram-se à investigação das línguas dos índios americanos, tendo como principais representantes Edward Sapir (1884-1939) e Leonard Bloomfield (1887-1949). A obra que se tornou referência na linguística foi *Language* (1933), de Bloomfield, que é considerada a melhor introdução geral sobre a ciência linguística e a linguística descritiva (Black, 2001).

Com o estruturalismo de Saussure, a língua passaria a ser vista como um sistema todo incluso, de modo que não mais era observada a partir dos seus elementos individuais. A linguística surgia como ciência moderna e a língua era estudada de modo estrutural. Outros sistemas linguísticos foram desenvolvidos, a partir do estruturalismo, que posteriormente serão observados.

Com a gramática de Robert Funk (1973), *A Beginning-Intermediate Grammar of Hellenistic Greek*, o Novo Testamento Grego foi organizado em uma perspectiva descritiva da linguagem. Bruce Metzger (1969) deu uma ênfase morfológica a análise do Novo Testamento Grego em *Lexical Aids for Students of New Testament Greek*, seguido por *A New Testament Greek Morpheme Lexicon*, de J. Harold Greenlee (1983).

Então, o estudo do Novo Testamento Grego se dirige para as abordagens da linguística moderna. A primeira delas é o estruturalismo de Saussure, que surgiu a partir do livro *Curso de linguística geral*, composto pelas notas de aula de seus alunos, durante três cursos ministrados por Saussure entre 1907 e 1911, e publicado em 1916. Nesta concepção, a língua é uma estrutura, ou um sistema, de modo que o linguísta deve analisar sua organização e o funcionamento dos seus elementos constituintes. A língua como sistema possui unidades determinadas que, a partir de sua organização, e por obedecerem a certos princípios fundamentais, constitui um todo coerente e coeso (Costa, 2009).

O que regula o funcionamento das unidades do sistema linguístico são normas internalizadas na fase da aquisição da linguagem, ou seja, nos anos iniciais da infância. Este conhecimento linguístico é adquirido no âmbito social, na relação do indivíduo com o grupo. Em suma, o estruturalismo entende que a língua é forma (estrutura), e não substância (essência). No entanto, também, considera a necessidade da análise da substância.

Um princípio marcante do estruturalismo é que “a língua deve ser estudada em si mesma e por si mesma”. Este é o estudo imanente da língua. Na prática, esta abordagem não se propõe a estudar o extralinguístico, visto que a língua deve ser descrita apenas a partir de suas relações internas. Logo, não há a preocupação com o contexto de produção, e ficam excluídas as relações da língua com a sociedade, a cultura, a literatura, ou qualquer outra relação que não esteja intrinsecamente ligada à organização interna dos elementos que constituem o sistema linguístico.

Saussure organizou seu estudo em dicotomias: língua e fala; sincronia e diacronia; paradigma e sintagma; forma e substância; significado e significante. Na dicotomia língua e fala, nas palavras de Saussure, *langue* e *parole*, a primeira tem prioridade nos estudos estruturalistas, enquanto a segunda não é considerada importante. A *langue* é o sistema, o aspecto social partilhado por uma comunidade, como que por meio de um contrato implícito. A língua é a condição da fala, e esta por sua vez é o uso individual do sistema.

Na dicotomia sincronia e diacronia, Saussure enfatizou o aspecto estático e dinâmico da língua. Ele vai além dos neogramáticos e da glossemática, ao estudar a língua na sua forma *estática*. A descrição linguística sincrônica tem por tarefa formular regras sistemáticas, conforme operam num dado momento (estado) específico, independente da combinação particular que houve na língua em momentos anteriores (diacronia).

Antes de observar a dicotomia entre paradigma e sintagma, deve-se notar que Saussure entende a língua como um sistema de signos. O signo é, então, a unidade constituinte do sistema linguístico, e é constituído por duas partes inseparáveis: o significante e o significado. O *significante* é considerado a *imagem acústica*, uma impressão psíquica do som físico, que, no entanto, não é o som físico, mas é a representação da palavra enquanto fato da língua virtual. O *significado*, a outra face do signo, é o *conceito*, o sentido que é atribuído ao significante. O signo, a unidade do sistema linguístico, resulta da associação de um conceito com uma imagem acústica.

Outro destaque do estruturalismo de Saussure é a noção de *arbitrariedade do signo*. Como observado anteriormente, a controvérsia *physis-nomos*, representada pelos convencionalistas e naturalistas, já debatia a natureza do signo. Para Saussure, o signo é arbitrário porque reconhece não existir uma relação necessária, natural, entre *imagem acústica* (significante) e o *sentido* a que ela remete (significado). A arbitrariedade é limitada por associações e motivações.

A dicotomia sintagma e paradigma elucidada o funcionamento do sistema linguístico. É importante compreender que o signo linguístico representa uma extensão, ou seja, quando ele é transmitido forma uma sequência, cuja dimensão é linear. Isto é chamado de *caráter linear da linguagem articulada*. Nesta direção, pode-se dizer que os signos linguísticos possuem uma relação sintagmática quando se articulam em combinações nas diversas possibilidades entre as unidades. Esta é a explicação estruturalista para a formação das sílabas a partir de fonemas (nível fonológico), das palavras a partir dos morfemas (nível morfológico), das frases a partir de palavras (nível sintático). As relações paradigmáticas dizem respeito “a associação mental que se dá entre a unidade linguística que ocupa um determinado contexto (uma determinada posição na frase) e todas as outras unidades ausentes que, por pertencerem à mesma classe daquela que está presente, poderiam substituí-la nesse mesmo contexto” (Costa, 2009). Pode-se dizer que, no paradigma linguístico estão todas as possibilidades de usos do sistema, e no sintagma a escolha pela utilização de alguns signos e, logicamente, pela rejeição de outros. As relações sintagmáticas e paradigmáticas ocorrem concomitantemente.

O estruturalismo norte-americano é representado por Bloomfield, como mencionado anteriormente, cujo propósito era a elaboração de um sistema de conceitos aplicáveis à descrição sincrônica de qualquer língua. Sua postura era mecanicista, e baseava-se no behaviorismo norte-americano de Skinner, dos idos de 1920.

Depois do estruturalismo surgiu o *gerativismo*, ou a *gramática gerativa*, ou, ainda a chamada *gramática transformacional*. Proposta por Noam Chomsky, linguísta norte-americano, que em 1957 publicou *Estruturas sintáticas*. O gerativismo foi uma oposição ao estruturalismo de Bloomfield, e uma crítica ao behaviorismo que fundamentava esta vertente estruturalista norte-americana. Segundo esta abordagem, a linguagem é vista como reflexo de um conjunto de princípios inatos, universais, referentes à estrutura gramatical das línguas. A teoria linguística passa a ter a função de explicar o funcionamento de um órgão mental responsável pela linguagem. O estímulo externo ao indivíduo, por meio da comunidade linguística em que nasceu, ativa este órgão mental.

A gramática gerativa analisa a estrutura gramatical das línguas a partir de um modelo preexistente de gramática internalizado e universal. A linguagem é observada como o reflexo de um conjunto de princípios inatos (universais) referentes à estrutura gramatical das línguas (Martelotta, 2009).

A gramática gerativa pode ser caracterizada por dois princípios fundantes: o *inatismo* e a *modularidade da mente*. O primeiro princípio, o inatismo, aponta para a existência de uma estrutura inata constituída de princípios linguísticos universais que limitam a variação entre as línguas. Ao conjunto destes princípios é dado o nome de *gramática universal* (GU). Por exemplo, é sabido que toda língua possui substantivo e verbo, logo, para o gerativismo estes são dados limitadores das línguas.

O segundo princípio, a *modularidade da mente*, destaca que a mente é dividida em módulos, que são sistemas cognitivos diferentes entre si, e que trabalham

separadamente. Neste sentido, os módulos responsáveis pela sintaxe trabalham independentemente dos que são relacionados à fonologia. Desta forma Chomsky introduz nos estudos linguísticos a noção de cognição, a partir dos estudos localistas (Martelotta, 2009).

Chomsky desenvolveu os conceitos de *competência* e *desempenho*; em que *competência* é a capacidade – em parte inata em parte adquirida – que o falante possui de formular e compreender frases em uma língua; enquanto o *desempenho* é a utilização concreta dessa capacidade. Os gerativistas deram mais espaço a competência do que ao desempenho, e, com isso, continuaram a observar a linguagem como um sistema autônomo, de modo a não considerar o sujeito envolvido na produção desta linguagem e as condições de produção.

O próximo modelo linguístico é a gramática cognitivo-funcional. Esta gramática analisa a estrutura gramatical, assim como as gramáticas estrutural e gerativista. A diferença é que considera analisar a situação de comunicação inteira, ou seja: o propósito do evento de fala, os participantes ou atores, e o contexto discursivo.

Na gramática cognitivo-funcional, a competência não pode ser analisada como algo distinto do desempenho, ou seja, em termos funcionalistas, a gramática não pode ser analisada independentemente do uso concreto da língua. Nestes termos, a gramática deve ser vista em simbiose com o discurso. Desta gramática surgem abordagens linguísticas como o “funcionalismo”, a “linguística textual” e a “linguística cognitiva”, dentre outras. Destas abordagens, as que mais têm sido usadas no estudo do Novo Testamento é o Funcionalismo, a Análise do Discurso e a Linguística Textual.

A Análise do Discurso será observada posteriormente, visto não ser considerada propriamente do campo da linguística, embora possua relação com a mesma, no sentido da materialidade do discurso. Agora, serão observados os estudos do Novo Testamento Grego a partir do funcionalismo e da linguística textual.

3 O funcionalismo e o Novo Testamento Grego.

O funcionalismo herdou de Saussure a noção de língua como sistema e estrutura, embora discorde do princípio da arbitrariedade do signo. De modo que três noções básicas passaram a caracterizar a linguística do século XX: *sistema*, *estrutura* e *função*. O Círculo Linguístico de Praga mantinha-se na linha dos estudos do *Cours* de Saussure, mas, o Círculo Linguístico de Copenhague, com Hjelmslev, começou a delinear outras fronteiras para o estruturalismo. De modo que, pensou-se em investigar também a *parole* (fala), o que Saussure não se preocupou em fazer. O Círculo Linguístico de Praga buscou analisar a função numa perspectiva teleológica, porém, outra perspectiva de observar a função na língua se destacou originando dois pólos: o formalista e o funcionalista (Martelotta; Areas, 2003).

O pólo formalista apresenta a função no seu plano secundário, enquanto no pólo funcionalista é predominante o estudo da função em que uma determinada forma linguística desempenha no ato comunicativo. O formalista é mais estruturalista, e por isso preocupa-se mais com a forma da língua, numa perspectiva mais descritiva da linguística, embora não deixe de lado o estudo da função. O formalista analisa a língua como um objeto autônomo. Proponentes desta linha são: Rask, Hjelmslev, Madvig e Uldall. O descritivismo americano é uma forte expressão deste pólo, e tem como representantes Bloomfield, Trager, Bloch, Harris e Fries (Martelotta; Areas, 2003).

O funcionalista se detém mais no estudo da função da forma na situação comunicativa. Não rejeita certos pressupostos estruturalistas, mas se propõe a trabalhar com a língua em uso, e, por isso, tem um caráter mais social. Segundo Martelotta e Areas (2003, p. 20): “O pólo funcionalista caracteriza-se pela concepção da língua como um instrumento de comunicação, que, como tal, não pode ser analisada como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas”.

Os linguístas Martinet e Jakobson foram influenciados de perto pela Escola de Praga, e tiveram forte influência no funcionalismo europeu. Mas, somente com Halliday (2004 [1978]; 1978) é que a gramática funcional ganha expressão nos mais variados campos do estudo da linguística e do discurso³. Suas duas obras mais influentes são: *Language as social semiotic: The social interpretation of language and meaning* e *An introduction to functional grammar*. Como a gramática sistêmica funcional de Halliday (2004 [1978]) é importante para vários estudos da linguística do Novo Testamento Grego, faz-se relevante apenas ver de relance um esboço do que ela propõe.

Halliday (2004) no início de sua gramática funcional tem a preocupação de situá-la dentre os estudos da linguagem. De início, destaca que sua gramática é funcional em contraste com o aspecto formal da linguagem; mas, também, é funcional em três sentidos específicos: em sua interpretação de (1) textos, (2) do sistema e (3) dos elementos da estrutura linguística.

Quando Halliday (2004) refere-se a textos, aquilo que é dito ou escrito, está tratando da linguagem em uso, dentro dos seus contextos. Neste viés, o linguísta se posiciona contra a arbitrariedade do signo, típico de uma abordagem funcionalista, visto que, a linguagem em uso forma o sistema, e é organizada de acordo com a necessidade dos falantes, por isso, funcional. Uma gramática “natural” refere-se a como a linguagem é usada.

As metafunções da linguagem características da abordagem sistêmica de Halliday (2004) são: a função ideacional, interpessoal e textual. Os componentes fundamentais do sentido na linguagem são componentes funcionais, e toda linguagem é organizada sobre dois tipos principais de sentidos: o ideacional e o interpessoal; é aqui que se faz a ligação entre o gramatical e o semântico. Estas duas metafunções são manifestações do sistema linguístico que, segundo Halliday (2004), destacam os propósitos gerais dos usos da linguagem: (1) entender o ambiente (ideacional) e (2) agir sobre os outros neste ambiente (interpessoal). A terceira metafunção, (3) a textual, confere relevância às outras.

Por ser funcional, cada elemento na linguagem é observado com referência a sua função na totalidade da língua, ou seja, cada parte é interpretada como funcional, no que diz respeito ao todo da linguagem. Os níveis desta gramática funcional são: (1) semântico, (2) gramatical e (3) fonológico. A sintaxe está para a linguística formal, como a gramática está para uma linguística funcional. A sintaxe e o vocabulário são parte do mesmo nível no código, que, deve ser compreendido como “lexicogramatical”, por isso, na abordagem de Halliday (2004) não se utiliza a terminologia “sintaxe”.

Em uma gramática funcional, a linguagem é interpretada como um sistema de sentidos, de modo que, através das formas os sentidos são realizados. A língua é

³ A gramática sistêmica funcional de Halliday (2004[1978]) não é a única expressão do funcionalismo. Há a gramática cognitivo-funcional de Givón (1995), o funcionalismo holandês com Dik (1997) e Hengeveld; Mackenzie (2008), onde apresentam uma gramática discursivo-funcional, e outros autores e expressões deste bloco funcionalista de observar a linguagem.

observada como sistema, onde o eixo paradigmático contém a gama de sentidos que uma determinada língua se apropria para a realização do ato da interação. Por isso, Halliday (2004) delimita sua teoria como “sistêmica”, porque é uma escolha de significados, pelo qual a linguagem, ou algum outro sistema semiótico, é interpretado como redes de opções de interação. Tudo o que é escolhido do sistema é de acordo com a necessidade humana de interação e socialmente situado, desvelando aspectos culturais dos falantes/autores.

O objetivo de Halliday (2004) ao produzir uma gramática sistêmica funcional é a análise de textos. Há muitos propósitos ao se analisar textos, como objetivos etnográficos, literários, educacionais, pedagógicos, dentre outros. Para o linguísta, texto é “qualquer instância da linguagem, em algum meio, que faz sentido para alguém que conhece a linguagem” (HALLIDAY, 2004, p. 3). O texto é observado por dois ângulos: o primeiro, como um objeto em si, que ele vai chamar de “artefato”; o segundo, como um instrumento para descobrir algo sobre certos objetos, como questões ideológicas.

Halliday (2004, p. 19) se refere à linguagem como “(1) texto e sistema, (2) sons, escrita e palavras, (3) como estruturas – configurações de partes e (4) como fontes – escolhas entre alternativas”. Por isso, a análise de um texto em termos gramaticais é somente o primeiro passo para uma análise mais completa da linguagem. Neste ponto, a gramática sistêmica funcional abre espaço para a análise do discurso, quando entende que esta abordagem sistêmica proporciona uma análise onde se busca o entendimento do texto, ou seja, como e por que o texto significa o que significa. Uma avaliação do texto, em que a análise linguística pode determinar se o texto é ou não efetivo para seus propósitos, ou seja, se é bem sucedido ou falha em seus propósitos (HALLIDAY, 2004, p. xv).

Esta análise textual (exegética) também compreende o entendimento do contexto da situação⁴ e da cultura. Sua proposta engloba uma compreensão da linguagem em um domínio mais abstrato da semiótica, como se observa mais detalhadamente em *Language as Social Semiotic* (HALLIDAY, 1978). Neste viés, o texto é um fenômeno complexo, produto do contexto ideacional e interpessoal da linguagem, além de que, a análise de texto é uma obra de interpretação (HALLIDAY, 2004).

Alguns pressupostos do funcionalismo são: iconicidade, marcação, informatividade (tema/rema), gramaticalização e discursivização, e a transitividade e planos de discurso. É impossível ver tudo isso neste texto, mas, para a linguística do NT Grego, pesquisas sérias têm sido desenvolvidas na área da gramática sistêmica funcional de Halliday (2004), a partir da transitividade verbal. Porter (1989, 1993) enveredou-se por esta área, especificamente no que se refere ao aspecto do verbo no NT Grego, nos seguintes textos: “*Verbal Aspect in the Greek of the New Testament with Reference to Tense and Mood*”; “*In defence of verbal aspect*”.

Fanning (1990, 1993), tão importante quanto Porter, dedicou-se ao estudo do verbo grego em “*Verbal Aspect in New Testament Greek*” e “*Approaches to verbal aspect in New Testament Greek: issues in definition and method*”. Outros linguístas também foram pelo caminho da linguística sistêmica funcional, tais como: McKay (1992, 1994), Schmidt (1993), Bakker (1994), Hauff (1996), Matthewson (1996), Reed (1996), Buth (2004), Campbell (2007, 2008). Louw (1982), bem antes de Porter (1989)

⁴ Van Dijk (2012) ao tratar sobre o discurso e o contexto critica a perspectiva de Halliday (1978) sobre contexto da situação, que foi apropriada por Fairclough (2001, 2006). A crítica repousa no aspecto “antimentalista” da proposta de Halliday (1978) baseada em Firth e Malinowski.

e Fanning (1990), já discutia o verbo grego a partir do seu aspecto. Moises Silva (1992, 1993) pôs em debate a perspectiva apresentada por Fanning e Porter.

A Gramática Sistêmica Funcional de Halliday (2004[1978]) foi um fator de influência para o avanço das pesquisas do NT Grego de uma dimensão linguística, para uma dimensão discursiva. Não somente a gramática, mas a obra “*Language as social semiotic: The social interpretation of language and meaning*” deu uma dimensão mais discursiva à linguística. Os linguístas que investigavam o aspecto verbal passaram a pesquisar a interface entre o linguístico e o discursivo no NT Grego, e, também, como aplicar a metodologia da Análise do Discurso (AD) à exegese, sem ferir os pressupostos de inspiração e inerrância das Escrituras. O próximo tópico elucidará este viés da AD nos estudos do NT Grego.

4 A Análise do Discurso e o Novo Testamento Grego.

Antes de tudo, deve ser ressaltado o aspecto amplo deste termo “Análise do Discurso”. Em alguns momentos ela é confundida com a “linguística textual”, em outros se propõe a analisar um discurso de uma perspectiva funcionalista, embora, o sentido mais usado é o que aponta para a disciplina de tradição francesa nomeada de Análise do Discurso (AD) (Maingueneau, 1997). Observar-se-á que os pesquisadores da AD no Novo Testamento não recorrem aos principais proponentes da AD francesa, porém, por dever de justiça torna-se necessário observar este campo, até mesmo porque a vertente da AD, que surge a partir do contato com a gramática de Halliday (2004[1978]), é fundamentada nos pressupostos da AD francesa.

Foucault (1969) em sua obra “*Arqueologia do saber*” dá as bases para se pensar o discurso. Com o conceito de *formação discursiva*, ele apresenta uma dimensão abstrata e subjetiva da linguagem que somente pode ser estudada a partir da observação da dimensão social. Nesta perspectiva, Foucault propõe a existência do discurso da economia, da psiquiatria, da medicina, etc, ou seja, ele se limita a tipos de discurso, que somente são percebidos dentro das condições de produção das formações discursivas, que se referem aos aspectos históricos da produção do(s) enunciado(s) (locais, tempos, instituições, etc). No entanto, somente com Pêcheux (2009[1982]) houve um tratamento linguístico na AD, o que Foucault não se preocupou em dar, visto estar mais voltado para o aspecto social e filosófico do que linguística. Pêcheux (2009[1982]) tentou combinar a teoria social do discurso com um método de análise textual, especificamente em textos políticos.

Por um bom tempo, a AD francesa teve Pêcheux como referência, até a década de noventa, quando despontaram analistas como Maingueneau (1997) e Charaudeau (2008). Maingueneau deu um tratamento mais linguístico à Análise do Discurso ao reconhecer que o discurso se materializa na língua. Ele também se utilizou da polifonia proposta por Ducrot (1987) em suas análises, mas, ainda manteve a perspectiva das *formações discursivas* de Foucault.

Paralelamente a AD francesa desenvolve-se outra corrente de Análise do Discurso denominada de Análise de Discurso Crítica (ADC). Esta vertente é também reconhecida como Análise de Discurso anglo-saxã, por não ser de linha francesa. Os pressupostos da ADC são os mesmos da AD, tendo, porém, algumas diferenças significantes. Enquanto na AD francesa observa-se um sujeito discursivo completamente passivo (assujeitado) do processo social, na ADC o sujeito discursivo é

mais ativo, mais engajado. Fairclough (2001) apresenta outra postura às conclusões de Foucault sobre formação discursiva, propondo a Análise de Discurso Textualmente Orientada (ADTO), que confere um caráter mais linguístico à Análise do Discurso.

Alguns aspectos comuns a AD e a ADC são: a observação do ideológico nos discursos, uma orientação social e histórica, e a preocupação com o sujeito do discurso. Como diferenças, pode-se destacar que a AD francesa se baseou em uma ideologia marxista de classes, enquanto a perspectiva da ADC admite uma ideologia de grupo e de crenças sociais, por isso, trata do discurso feminista, do discurso racista, do discurso dos grupos oprimidos.

Várias são as vertentes da ADC. Van Dijk (2006, 2008), um dos precursores desta corrente, propõe um viés sociocognitivo de estudo do discurso, por isso, rompe com a terminologia tradicional, denominando a disciplina de *Estudos Críticos do Discurso*. Ele está aberto a uma ampla gama de metodologias de análise do texto, e caracteriza sua abordagem ideológica pelo abuso de poder entre grupos sociais. Daí considerar os ECD um movimento social. No entanto, a vertente mais popular da ADC é a da *mudança social* de Fairclough (2001, 2003), isto, porque ele se utiliza da Gramática Sistêmica Funcional de Halliday (2004[1978]) para fundamentar sua teoria e metodologia de análise do discurso. Após estas considerações iniciais, observar-se-á como o Novo Testamento Grego tem sido estudado a partir da Análise do Discurso.

Porter e Carson (1999) e Porter e Reed (1999) produziram manuais específicos sobre a Análise do Discurso no Novo Testamento Grego, em que apresentam questões relevantes a este estudo. Mas, há um grande número de artigos sobre o assunto desde Louw (1979), cujo título é “*Discourse analysis and the Greek New Testament*”, e que tem sido a base de muitos estudos nesta área.

Guthrie (2001) se propõe a apresentar a Análise do Discurso para o Novo Testamento de modo introdutório. No entanto, por “Análise do Discurso” ele quer dizer o mesmo que “linguística textual”. Sua ênfase é na organização do texto e em seu contexto, o que não é, somente, a AD como descrita anteriormente. Mais adiante, observar-se-á que a linguística textual ajuda a AD, mas que não é a AD. Ele define Análise do Discurso assim: “um processo de investigação pelo qual alguém examina a forma e a função de todas as partes e níveis de um discurso escrito, com o objetivo de melhor entender ambas as partes e o todo daquele discurso” (ibid., p. 9). Entendo que Guthrie delimitou o que é Análise do Discurso ao âmbito do texto escrito, considerando o funcionalismo como parâmetro, a fim de não se complicar com os pressupostos da AD francesa ao analisar o Novo Testamento Grego. Nesta perspectiva, que muitos estudiosos norte-americanos têm seguido, a Análise do Discurso para o Novo Testamento é uma expressão de linguística textual, ou seja, uma exegese menos formal e mais funcional do texto bíblico. Uma grande contribuição desta perspectiva é uma exegese mais abrangente, cuja preocupação não está somente na palavra, mas no texto. Guthrie, também, enfatiza a necessidade de uma análise semântica e pragmática do texto, o que ficou esquecido na exegese tradicional⁵.

Porter e Reed (1999, p. 15), também, entendem a Análise do Discurso aplicada ao Novo Testamento como linguística textual. Ele reconhece a gama de sentidos que esta terminologia comporta, por isso, procura deixar claro que não está filiado à linha

⁵ Por exegese tradicional entenda-se uma metodologia que não leva em conta as teorias linguísticas.

francesa da AD. Neste sentido, sua definição de discurso⁶ é a instância da linguagem no uso real, quer seja falada ou escrita. Esta definição se encaixa mais com a perspectiva da linguística textual, do que com a AD.

Apesar desta concepção da Análise do Discurso como Linguística Textual, Porter (1999) apresenta a ADC aplicada ao Novo Testamento, ou seja, ele aventura-se mais para o campo dos estudos do discurso. Porter (1999) reconhece que não há trabalhos sobre a ADC⁷, exceto uma breve seção em um artigo de Reed (1996), poucas referências e um capítulo de Reed (1997a, 1997b), que destacam contribuições de Fairclough, e não necessariamente da ADC em si. Duas destas contribuições para os estudos da linguística do NT foram: o uso social da linguagem e a intertextualidade. Logo, este é o primeiro artigo sobre ADC e o Novo Testamento, de orientação norte-americana, o qual será observado mais detalhadamente a seguir.

A principal questão de Porter (1999) é mostrar se a ADC é crítica mesmo, visto que, a aplicação de uma teoria crítica no estudo do Novo Testamento Grego requer maior cautela⁸. Esta questão se subdivide em três: 1. Em que sentido a ADC é crítica em si? 2. Em que sentido a ADC é crítica na e para a disciplina de linguística? 3. Em que sentido a ADC é crítica para a disciplina de Exegese do Novo Testamento?

Porter (1999) se baseia em obras que fundamentam a ADC como Fairclough e Wodak (1997) e Fairclough (1989, 2001[1992]). Hoje, a ADC possui vários teóricos que a desenvolveram em outros aspectos, visto seu caráter multidisciplinar (van Dijk, 2006; van Leeuwen, 2008), porém, os pressupostos são os mesmos que apresentados anteriormente. Porter (1999) responde a primeira questão que levantou ao apresentar os pressupostos da ADC e ao estabelecer uma relação com o NT. Primeiro, percebe em Fairclough e Wodak (1997) a relação entre “linguagem e sociedade”, em que o discurso é uma prática social, nos termos de Fairclough (2003), e, por isso é socialmente constitutivo e socialmente produzido. Isto implica nos estudos da sociologia ligados a linguística através da ADC.

Um segundo pressuposto da ADC, observado por Porter (1999), está no campo da ideologia. Ele recupera bem a distinção ideológica entre a AD francesa, de proponentes como Althusser, Habermas e Foucault, e a abordagem ideológica da ADC. Na AD francesa, o marxismo regia os conceitos de história, ideologia e poder, enquanto, na ADC a ideologia está direcionada para a dominação e o abuso de poder entre grupos sociais, sempre optando em defesa dos grupos sociais oprimidos. Porter (1999), então, aplica esta perspectiva de “poder” na análise da epístola de Paulo a Filemom, visto ser Onésimo um escravo fugitivo, sob a dominação das leis romanas.

Porter (1999) considera a perspectiva sociocognitiva de van Dijk (1996) na análise de ideologias racistas, bem como o trabalho de Wodak (1996) no seu método histórico-discursivo da análise do antisemitismo em Viena. Até que se posiciona junto da abordagem de Fairclough (2001[1992]), *Discurso e Mudança Social*, devido à influência de Halliday (1978), com sua *Social Semiotic*. Porter escolheu a vertente da ADC que mais coadunava com seus estudos linguísticos do Novo Testamento, o aspecto verbal segundo a Gramática Sistemática Funcional.

⁶ A definição de discurso proposta por Porter (1999) é orientada para pensar a linguística textual, diferente da proposta de discurso de Foucault (2009[1969]), Pêcheux (2009[1982]), Maingueneau (1997), Fairclough (2001), Van Dijk (2006).

⁷ Em inglês é CDA – Critical Discourse Analysis.

⁸ As disciplinas críticas em seu arcabouço teórico não comportam a inspiração e inerrância das Escrituras.

Ao responder a segunda questão, a relação da ADC com a linguística, Porter (1999) observa a contribuição da Sistemática Funcional de Halliday (1978). Ressalta também a noção de contexto, segundo Halliday (1978), como uma influência positiva para a linguística. Reed (1997a), por sua vez, investiga o contexto da situação e o contexto cultural, o que implica no estudo do Grego Helenístico e no de outras línguas e dialetos antigos relacionados, bem como o conhecimento do poder institucional do Império Romano, do Judaísmo e Cristianismo que estava a se formar. Ou seja, como as instituições sociais da época se expressavam com relação a homens e mulheres, livres e escravos, gregos, romanos e judeus, etc.

Porter (1999) ressalta um dos pilares da ADC, o de que a linguagem não somente é modificada pelo contexto social como também ela mesma tem o poder de modificá-lo. A linguagem produz, mantém e modifica as relações sociais de poder. Com isso, ele se propõe a analisar a epístola de Filemom utilizando alguns princípios da ADC. Ele considerou analisar esta epístola por causa do seu contexto político e social, bem como devido às relações de poder presentes. Por conseguinte, apresenta um número de contextos no Novo Testamento em que se observam relações de poder, tendo a linguagem como mediadora da produção do sentido. Por exemplo, em Gálatas 3.28, Paulo destaca certos problemas no contexto da igreja cristã: raciais (judeus e gregos), políticos (escravos e livres), e de gênero (homens e mulheres), e propõe um caminho para a unidade através da expressão “em Cristo”. Todos estes problemas aparecem nas outras epístolas paulinas, o que mostra o amplo contexto de relações de poder, e a legitimidade do uso da ADC para a exegese do Novo Testamento.

Outro exemplo está em Romanos 13, quando da ordem dada por Paulo para que a igreja obedecesse às autoridades, mesmo sendo elas Romanas, com a finalidade de manter a ordem social. Ou, ainda a questão do legalismo Judeu em Romanos 14 e 15, e na Epístola aos Gálatas. Porém, a análise principal deste artigo centraliza-se em Filemom.

Porter (1999) resume a problemática social de Filemom em duas instâncias: 1. A complexa convenção social da escravidão no antigo mundo romano; 2. A dinâmica social entre os três principais atores da epístola (Paulo, Filemom e Onésimo) no contexto da igreja. Onésimo fora escravo de Filemom, e em algum dado momento esteve com Paulo. O apóstolo envia Onésimo de volta a Filemom, mas, com o desejo de que ele, Onésimo esteja de volta com Paulo.

Então, Porter (1999) apresenta o aspecto de que as *relações de poder são discursivas*, ou seja, Paulo, o autor da epístola, está em situação de exercer poder, porque ser o autor significa ter o domínio da escolha das palavras, do conteúdo, da mensagem que se quer passar. Outra forma de exercer poder através da epístola está na forma em que Paulo descreve os outros participantes. Em determinado momento, Paulo se coloca hierarquicamente superior aos outros participantes da epístola, como se observa em Filemom 8, quando admite a posição de ordenar, embora não o faça. Paulo prefere se identificar com Filemom e apelar ao seu favor pela liberdade de Onésimo (Fm 14). O apóstolo também estabelece uma ligação familiar com Onésimo (Fm 16), e evoca uma metáfora econômica para garantir a segurança de Onésimo (Fm 18). Desta forma, Paulo, como autor da epístola, estabelece uma relação econômica, pessoal e social com os seus participantes.

A estrutura da epístola também estabelece a posição de poder de Paulo. Ele inicia a carta em posição de força, quando se apresenta como o prisioneiro de Cristo (Fm 1), e continua apelando ao favor de Filemom, mesmo enfatizando sua autoridade

apostólica. A mensagem é clara: Paulo deseja ter Onésimo, que é escravo de Filemom, uma outra forma de expressão de poder.

Porter (1999) reconhece que *o discurso se constitui a partir da sociedade e da cultura*. Na análise de Filemom, ele destaca que Paulo utiliza-se do léxico “escravo” e “prisioneiro” para ressaltar seu papel e o de Onésimo no contexto da sociedade e da cultura vigente. Isto mostra a relação entre as identidades no período do Novo Testamento, e especificamente, no contexto da carta a Filemom. O discurso também opera a *dimensão ideológica*. Porter (1999) destaca nesta epístola, que Paulo busca a alforria de Onésimo, um contra-senso em relação à ideologia romana. No entanto, ressalta a ideologia da igreja cristã, que pregava a igualdade “em Cristo”.

Porter (1999)⁹ propõe, então, uma análise de Filemom, de modo que além das observações anteriores, aponta para *a mediação entre o texto e a sociedade*, e o aspecto pragmático do *discurso como uma forma de ato social*, que em Filemom se expressa com o desejo da libertação de Onésimo. Esta análise exemplifica a utilidade da ADC para a exegese bíblica, de modo a trazer categorias mais profundas e complexas, que vão elucidar o discurso, também, em uma orientação social e cultural.

5 Outras áreas da linguística e o Novo Testamento Grego.

Há outras áreas de estudo linguístico do Novo Testamento que deveriam ser observadas, mas, que devido à natureza deste texto serão apenas mencionadas para uma futura consideração por aqueles que se aventurarem nestas pesquisas.

A pragmática é uma área muito importante da linguística, que teve seu início a partir das pesquisas de Austin (1990) com a teoria dos atos de fala, e que posteriormente foi aprimorada por Searle (1997). Franklin (1992) e Du Plessis (1987, 1991) desenvolveram trabalhos no Novo Testamento com a teoria dos “Atos de Fala”. Dentro da linguística textual pode-se destacar o estudo da deixis em Decker (2001) e Markey (1980). Porter (1999), também, desenvolveu pesquisas na retórica, uma área enquadrada no campo da linguística textual.

Na área da semântica, Olsen (1994, 1997) escreveu sobre a relação entre semântica e pragmática, Nida e Louw (1992) investigaram a semântica no léxico do NT Grego, Erickson (1980) propôs uma semântica bíblica a partir do campo da cognição no léxico das epístolas paulinas, e Louw (1982) observou a teoria semântica aplicada ao NT Grego.

Na área da filologia é muito comum encontrar trabalhos sobre o NT Grego, como o de Acson (1979), que investiga a diacronia no sistema Grego. Bubenik (1989) observou a Grécia helenística e a Grécia romana como oportunidades para um estudo sociolinguístico. Nida (1999) aponta o papel do contexto para a análise do discurso no Novo Testamento, este que é o foco de estudos tanto no funcionalismo como na cognição.

⁹ Outros trabalhos em Análise do Discurso contribuem para o estudo desta disciplina no NT, mesmo que não estejam direcionados a ADC: Hudgins (2012); Johnson (2010); Olsson (1999); Porter (1995a; 1995b); Louw (1979); Reed (1993, 1995, 1999); Silva (1995).

Conclusão

Estas linhas apresentaram um esboço do que se tem estudado na linguística do Novo Testamento Grego, enfatizando aquilo que mais se tem observado, como na Gramática Sistemática Funcional e na Análise do Discurso. Mas, além deste sumário de pesquisa, algumas considerações podem ser sugeridas. Primeiramente, quase toda a bibliografia sobre a linguística do Novo Testamento é de origem norte-americana, baseada em teorias que não dialogam (ou pouco dialogam) com a linguística e a Análise do Discurso europeia (especificamente a francesa). Em segundo, e derivando da primeira consideração, é oportuna e necessária a pesquisa do Novo Testamento Grego a partir de uma linguística nacional, que considere sua herança acadêmica europeia, a fim de dialogar com a escola norte-americana, e, conseqüentemente, produzir um conhecimento linguístico mais apurado. Mas, não somente por isso, e esta é a terceira consideração, também deve haver uma maior produção de pesquisa na linguística do Novo Testamento Grego, no Brasil, para sofisticar a metodologia exegética, a partir de uma consciência evangélica tradicional.

Dois manuais que direcionam iniciantes para o estudo da linguística do Novo Testamento grego são o de Black (1988) e o de Carson (1993), ambos em inglês. Em língua portuguesa, na vertente do Brasil, pode-se destacar alguns capítulos de Osborne (2009), uma tradução do seu manual de hermenêutica, reelaborado com ênfase na linguística moderna, que, no entanto, focaliza o gerativismo mais do que o funcionalismo, embora esta seja uma abordagem mais sofisticada. Os estudos linguísticos seculares, em algumas áreas, são mais avançados no Brasil do que na América do Norte e, até mesmo, na Europa. No entanto, pouco se tem feito para o desenvolvimento de uma análise textual do Novo Testamento Grego linguisticamente orientada.

Referências

- ACSON, Veneeta. **A diachronic view of case-marking systems in Greek: a localistic-lexicase analysis**. Ph.D. dissertation, University of Hawaii, 1979.
- AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer: palavras e ações**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BAKKER, Egbert J. “Voice, Aspect and Aktionsart: Middle and Passive in Ancient Greek”. In: **Voice: Form and Function**. Ed. Barbara Fox and Paul J. Hopper. Amsterdam: Benjamins, 1994, pp. 23-47.
- BASSETTO, Bruno Fregni. **Elementos de filologia românica: história externa das línguas**. v. 1. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2005.
- BLACK, David Alan. The Study of New Testament Greek in the Light of Ancient and Modern Linguistics. In: BLACK, D. A.; DOCKERY, D. S. **Interpreting the New Testament: Essays on Methods and Issues**. Nashville, TN: Broadman & Holman Publishers, , 2001.
- BLACK, David Alan. **Linguistics for Students of New Testament Greek: A Survey of Basic Concepts and Applications**. Grand Rapids: Baker Book House, 1988.
- BUBENIK, Vit. **Hellenistic and Roman Greece as a Sociolinguistic Area**. Current Issues in Linguistic Theory. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 1989.

- BUTH, Randall. **Verbs Perception and Aspect: Greek Lexicography and Grammar: Helping Students to Think in Greek.** In: TAYLOR, Bernard A.; LEE, John A. L.; BURTON, Peter R.; WHITAKER, Richard E. (orgs.). **Biblical Greek Language and Lexicography.** Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans, 2004, pp. 177—198.
- CAMPBELL, Constantine R. **Verbal Aspect and Non-Indicative Verbs: Further Soundings in the Greek of the New Testament.** Studies in Biblical Greek. Peter Lang Publishing, 2008.
- CAMPBELL, Constantine R. **Verbal Aspect, the Indicative Mood, and Narrative: Soundings in the Greek of the New Testament.** Studies in Biblical Greek. Peter Lang Publishing, 2007.
- CARSON, D.A. An introduction to the Porter/Fanning debate. In: CARSON, D.A.; PORTER, Stanley. **Biblical Greek Language and Linguistics: Open Questions in Current Research.** Sheffield: JSOT Press, 1993.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização.** São Paulo: Contexto, 2008.
- COSTA, Marcos Antônio. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org). **Manual de linguística.** São Paulo: Contexto, 2009.
- DECKER, Rodney J. Temporal Deixis of the Greek Verb in the Gospel of Mark in Light of Verbal Aspect. **Studies in Biblical Greek**, v.10, ed. D. A. Carson. New York: Peter Lang, forthcoming, 2001.
- DIK, Simon C. **The Theory of functional grammar.** Berlim, Nova York: Mouton de Gruyter, 1997.
- DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito.** São Paulo: Pontes, 1987.
- DU PLESSIS, J.G. Pragmatic meaning in Matthew 13:1-23. **Neotestamentica.** 21 (1987), 33-56.
- DU PLESSIS, J.G. Speech act theory and New Testament interpretation with special reference to G.N. Leech's pragmatic principles. In: **Text and Interpretation: New Approaches in the Criticism of the New Testament.** Ed. P.J. Hartin and J.H. Petzer. New York: E.J. Brill, 1991.
- ERICKSON, R. J. OIDA and GINOSKO and verbal aspect in pauline usage. **Westminster Theological Journal.** 44 (1982), 110-122.
- ERICKSON, R.J. **Biblical semantics, semantic structure, and biblical lexicography: a study of methods with special reference to the pauline lexical field of 'cognition'.** Ph.D. dissertation, Fuller Theological Seminary, 1980.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social.** Brasília: UNB, 2001.
- _____. **Analyzing Discourse: Textual analysis for social research.** London and New York: Routledge, 2003.
- FANNING, Buist. **Verbal Aspect in New Testament Greek.** Oxford: Clarendon Press, 1990.
- FANNING, Buist. Approaches to verbal aspect in New Testament Greek: issues in definition and method. In: **Biblical Greek Language and Linguistics: Open Questions in Current Research.** Ed. D.A. Carson & Stanley Porter. Sheffield: JSOT Press, 1993.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber.** 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009 [1969].
- FRANKLIN, Karl J. Speech Act Verbs and the Words of Jesus. In: HWANG, Shin Ja J.; MERRIFIELD, William R. (orgs). **Language in Context: Essays for Robert E.**

- Longacre. Dallas: Summer Institute of Linguistics & University of Texas at Arlington, 1992.
- GIVÓN, T. **Funcionalism and Grammar**. Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1995.
- GRABER, Philip. **Context in Text: A Systemic Functional Analysis of the Parable of the Sower**. Ph.D. dissertation. Emory University, Program in Linguistics, 2001.
- GUTHRIE, George H. Discourse analysis. In: BLACK, Alan David; DOCKERY, David S. **Interpreting the New Testament: essays on methods and issues**. Nashville, Tennessee: Broadman & Holman Publishers, 2001.
- HALLIDAY, M. A. K. **Language as social semiotic: The social interpretation of language and meaning**. Edward Arnold, 1978. (Cap. 6)
- _____. **An introduction to functional grammar**. 3. ed. London: Hodder Arnold, 2004 [1978].
- HAUFF, Thomas R. **An assessment and application of the systemic linguistic model of verbal aspect in the New Testament proposed by Stanley E. Porter**. Dissertation submitted at Western Conservative Baptist Seminary, 1996.
- HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, J. Lachlan. **Functional discourse grammar: A Typologically-Based Theory of Language Structure**. Oxford, 2008.
- HUDGINS, Thomas W. An Application of Discourse Analysis Methodology in the Exegesis of John 17. **Eleutheria: Vol. 2: Iss. 1 (2012)**, Article 4.
- JOHNSON, Carl E. **A Discourse Analysis of the Periphrastic Imperfect in the Greek New Testament Writings of Luke**. Ph.D. Dissertation, University of Texas Arlington, 2010.
- LEVINSON, Stephen C. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- LOUW, J.P. Discourse analysis and the Greek New Testament. **Bible Translator**. 30 (1979), 108-117.
- LOUW, J.P. Verbal aspect in the first letter of John. **Neotestamentica**. 9 (1975), 98-104. Erickson (1982).
- LOUW, J.P. Discourse analysis and the Greek New Testament. **Bible Translator**. 30 (1979), 108-117.
- LOUW, J.P. **Semantics of New Testament Greek**. Philadelphia: Fortress Press, 1982. [also Chico, CA: Scholars Press, 1982].
- MARKEY, T.L. Deixis and diathesis: the case of the Greek k perfect. **Indogermanische Forschungen**. 85 (1980), 279-297.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo; AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. Conceitos de gramática. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2009.
- MATTHEWSON, Dave. Verbal Aspect in Imperitival Constructions in Pauline Ethical Injunctions. **Filologia Neotestamentaria**. 9:21-35 May 1996.
- McKAY, K.L. Time and aspect in New Testament Greek. **Novum Testamentum**. 34 (1992), 209-228.
- McKAY, K.L. **A New Syntax of the Verb in New Testament Greek: An Aspectual Approach**. Studies in Biblical Greek, 5. New York: Peter Lang, 1994.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed. São Paulo: Pontes, 1997.

- NIDA, Eugene A. The Role of Context in the Understanding of Discourse. In: PORTER, Stanley; REED, Jeffrey T. (orgs.). **Discourse Analysis and the New Testament: Approaches and Results**. Journal for the Study of the New Testament Supplement Series 170. Sheffield, England: Sheffield Academic Press, 1999, pp. 20-27.
- NIDA, Eugene A.; LOUW, Johannes P. Lexical Semantics of the Greek New Testament. **SBL Resources for Biblical Study**, 25. Atlanta: Scholars Press, 1992.
- OLSEN, Mari Broman. **A Semantic and Pragmatic Model of Lexical and Grammatical Aspect**. Outstanding Dissertations in Linguistics. New York: Garland Publishing, Inc., 1997.
- OLSEN, Mari Broman. The semantics and pragmatics of the Koine Greek 'tense' forms. **Northwestern University Working Papers**, 6 (1994).
- OLSSON, Birger. First John: Discourse Analysis and Interpretations. In: PORTER, Stanley; REED, Jeffrey T. (orgs.). **Discourse Analysis and the New Testament: Approaches and Results**. Journal for the Study of the New Testament Supplement Series 170. Sheffield, England: Sheffield Academic Press, 1999, pp. 369-391.
- OSBORNE, Grant. R. **A espiral hermenêutica: uma nova abordagem a interpretação bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et. al. 4. ed. São Paulo: Editora Unicamp, (2009[1982]).
- PLATÃO, **Teeteto**. 3. ed. Calouste Gulbenkian, 2010.
- PORTER, Stanley. Discourse Analysis and New Testament Studies. In: PORTER, Stanley; CARSON, D.A. (orgs.). **Discourse Analysis and Other Topics in Biblical Greek**. Journal for the Study of the New Testament Supplement Series 113. Sheffield, England: Sheffield Academic Press, 1995a.
- PORTER, Stanley. How Can Biblical Discourse be Analyzed: A Response to Several Attempts. In: PORTER, Stanley; CARSON, D.A. (orgs.). **Discourse Analysis and Other Topics in Biblical Greek**. Journal for the Study of the New Testament Supplement Series 113. Sheffield, England: Sheffield Academic Press, 1995b.
- PORTER, Stanley. "In defence of verbal aspect". In: **Biblical Greek Language and Linguistics: Open Questions in Current Research**. Ed. D.A. Carson & Stanley Porter. Sheffield: JSOT Press, 1993.
- PORTER, Stanley. **Verbal Aspect in the Greek of the New Testament with Reference to Tense and Mood**. New York: Peter Lang, 1989.
- PORTER, Stanley; REED, Jeffrey T. Discourse Analysis and the New Testament: An Introduction. In: **Discourse Analysis and the New Testament: Approaches and Results**. Journal for the Study of the New Testament Supplement Series 170. Sheffield, England: Sheffield Academic Press, 1999, pp. 15-18.
- PORTER, Stanley; CARSON, D.A., (orgs.). **Discourse Analysis and Other Topics in Biblical Greek**. Journal for the Study of the New Testament Supplement Series 113. Sheffield, England: Sheffield Academic Press, 1995.
- PORTER, Stanley; REED, Jeffrey T. (orgs.). **Discourse Analysis and the New Testament: Approaches and Results**. Journal for the Study of the New Testament Supplement Series 170. Sheffield, England: Sheffield Academic Press, 1999.
- PORTER, Stanley. Is Critical Discourse Analysis Critical? An Evaluation Using Philemon as a Test Case. In: PORTER, Stanley; CARSON, D. A. (orgs.). **Linguistics and the New Testament: Critical Junctures**. Journal for the Study of the New Testament Supplement Series 168. Studies in New Testament Greek 5. Sheffield Academic Press, 1999.

- REED, Jeffrey T. Verbal Aspect, Discourse Prominence, and the Letter of Jude. *Filologia Neotestamentaria*. 9:180-199 November 1996.
- _____. **Discourse Analysis as New Testament Hermeneutic**: A Retrospective and Prospective Appraisal. *JETS* 39, p. 223-240, 1996.
- _____. **A Discourse Analysis of Philippians**: Method and Rhetoric in the Debate over Literary Integrity. *JSNTSup*, 136; *SNTG*, 3; Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997a.
- _____. Discourse Analysis. In: PORTER, Stanley (org.). *Handbook to Exegesis of the New Testament*. *NTTS*, 25; Leiden: E.J. Brill, p. 189-217, 1997b.
- REED, Jeffrey T. Identifying Theme in the New Testament: Insights from Discourse Analysis. In: PORTER, Stanley; CARSON, D.A. (orgs.). **Discourse Analysis and Other Topics in Biblical Greek**. *Journal for the Study of the New Testament Supplement Series* 113. Sheffield, England: Sheffield Academic Press, 1995.
- REED, Jeffrey T. The Cohesiveness of Discourse: Towards a Model of Linguistic Criteria for Analyzing New Testament Discourse. In: PORTER, Stanley; REED, Jeffrey T. (orgs.). **Discourse Analysis and the New Testament: Approaches and Results**. *Journal for the Study of the New Testament Supplement Series* 170. Sheffield, England: Sheffield Academic Press, 1999, pp. 28-46.
- REED, Jeffrey T. To Timothy or not? A discourse analysis of 1 Timothy. In: CARSON, D.A.; PORTER, Stanley. **Biblical Greek Language and Linguistics**: Open Questions in Current Research. Sheffield: JSOT Press, 1993.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006[1975].
- SCHMIDT, Daryl. Verbal aspect in Greek: two approaches. In: **Biblical Greek Language and Linguistics: Open Questions in Current Research**. Ed. D.A. Carson & Stanley Porter. Sheffield: JSOT Press, 1993.
- SEARLE, John R. **Os actos de fala**. Coimbra: Almedina, 1987.
- SILVA, Moises. Discourse Analysis and Philippians. In: PORTER, Stanley; CARSON, D.A. (orgs.). **Discourse Analysis and Other Topics in Biblical Greek**. *Journal for the Study of the New Testament Supplement Series* 113. Sheffield, England: Sheffield Academic Press, 1995.
- SILVA, Moises. A response to Fanning and Porter on verbal aspect. In: **Biblical Greek Language and Linguistics: Open Questions in Current Research**. Ed. D.A. Carson & Stanley Porter. Sheffield: JSOT Press, 1993.
- SILVA, Moises. *Review of Verbal Aspect in New Testament Greek by Buist Fanning and Verbal Aspect in the Greek New Testament: with Reference to Tense and Mood by Stanley E. Porter*. **Westminster Theological Journal**. 54 (1992), 179-83.
- VAN DIJK, Teun A. **Ideología**: una aproximación multidisciplinaria. Barcelona, España: Gedisa, 2006.
- _____. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contexto, 2008.
- _____. **Discurso e contexto**. São Paulo: Contexto, 2012.
- _____. **Discourse, Power and Access**. In: Caldas-Coulthard and Coulthard, 1996, p. 84-104.
- VAN LEEUWEN, T. **Discourse and practice**: new tools for critical discourse analysis. New York: Oxford University Press, 2008.
- WODAK, Ruth; MEYER, Michael (orgs.). **Methods of critical discourse analysis**. 2. ed. London: Sage, 2009.